

escândalo em veneza

loretta chase

Tradução de Fernanda Semedo

AGRADECIMENTOS



A Anna Baldi, por me ajudar a pôr as palavras italianas corretas na boca das minhas personagens.

A Owen Halpern, Sherrie Holmes, Margaret Evans Porter e Katherine Shaw, pelo auxílio inestimável com os temas venezianos.

À minha família e amigos, com um obrigada especial a Walter, Cynthia, Mary Jo, Nancy e Twin Girl.

NOTA DA AUTORA



A ortografia de Lorde Byron, tal como a de muitos outros autores da altura, incluindo Jane Austen, é mais aleatória do que a nossa. A sua utilização de pontuação é distintivamente muito própria. Por isso não, não são erros ortográficos nos excertos dos poemas. É apenas... Byron.

PRÓLOGO



Quero um herói...

Lorde Byron

Don Juan, Canto Primeiro

Roma

Julho de 1820

Ela conduziu-o através da escadaria que levava ao seu quarto, despendo peças de roupa pelo caminho.

Marta Fazi era ágil, sem dúvida. Prendeu o olhar no de James e subiu de costas, sem falhar um degrau. Os seus dentes brancos brilhavam em contraste com a pele cor de azeitona enquanto ela, rindo, tirava a máscara, o véu e o manto, que escondia o frágil arremedo de vestido: uma peça delicada, pouco mais do que uma combinação elaborada, presa por alguns laços e fitas fáceis de desatar.

Deixou ficar as esmeraldas: o pesado colar com a grande pedra suspensa a balançar entre os seios, os brincos a condizer, a pulseira.

James parou para despir o casaco, sem se apressar. Atirou-o por cima do ombro, continuando a subir atrás dela, mantendo a pose de vaga curiosidade que usava para lançar o anzol.

Acostumada a obter o que queria, Marta era incapaz de resistir a um desafio e James não teve de se esforçar muito para se transformar num. Se tivesse escolha, não lhe tocaria sequer com um remo longo. Como não tinha, deixou apenas que a sua relutância fosse visível. Isso, como esperava, provocou a vaidade dela.

Era linda, tinha de o admitir. Dizia-se que Lorde Byron escrevera um

poema não publicado acerca dela. Era o género de mulher que os poetas admiravam: morena e apaixonada; algo que podia ser descrito como «um animal magnífico».

James tinha muito menos entusiasmo pelo género. Com 31 anos, Marta não era a sua primeira aventura estrangeira, apaixonada, desinibida e sexualmente talentosa. Contudo, se sobrevivesse a este encontro, seria a última. Se não sobrevivesse, o que era igualmente provável, seria também a última.

Em qualquer dos casos ganho, pensou.

Se falhasse esta missão sofreria uma morte lenta e dolorosa. Não seria chorado como herói. Ninguém saberia que morrera tentando salvar o mundo. Provavelmente, nem encontrariam o seu corpo.

Pelo maldito rei e pelo maldito país, disse para si mesmo uma última vez enquanto a porta se fechava atrás de si.

Tirou o colete e atirou-o, juntamente com o casaco, para uma cadeira perto da porta, continuando a avançar enquanto ela recuava, resoluta, para a cama.

Claramente sabia o caminho a recuar e sem luz, embora o quarto não estivesse completamente escuro. As criadas deviam tê-lo preparado pouco antes, porque havia velas acesas. Deviam esperar que ela tivesse companhia, pois tinham acendido somente duas.

Estas forneciam apenas luz suficiente para lhe ver os brilhantes dentes brancos e os lábios entreabertos. Era luz bastante para transformar num fogo verde as esmeraldas, e em brilhos de arco-íris os pequenos diamantes que as circundavam. Mesmo sem luz, ele poderia encontrá-la. O seu perfume impregnava o quarto de um aroma demasiado doce, como rosas a apodrecer.

Ela passou as mãos pelos seios firmes e cheios, e desceu-as até às ancas. Era escultural e sabia-o.

— Como vês, não te escondo nada — disse. — Dou-me completamente.

A sua maneira de falar indicou-lhe que passara a maior parte da vida no sul de Itália e tivera alguma — muito pouca — educação. Detetou também um vestígio estrangeiro: do seu Chipre nativo, sem dúvida. Embora os seus antepassados, como os dela, fossem uma mistura, o italiano que ele falava, a língua da sua mãe, era impecável. Tendo herdado o cabelo escuro e encaracolado da mãe e o perfil romano do avô materno, Marta não tinha qualquer pista de que ele não só era o filho de um nobre inglês, como igualmente um agente do governo de Sua Majestade.

Em suma, James Cordier era uma fraude ainda maior do que aquela pantera sedutora.

O truque era garantir que ela não descobria.

— Não completamente — disse ele, desabotoando as calças. — As pedras são bonitas, mas a tua beleza não precisa de adornos, sabes?

Para não mencionar que a joalharia pesada era uma maçada durante uma farra na cama. *Podes arrancar um olho com uma coisa dessas*, podia ter-lhe dito, usando o sotaque que aprendera na sua atribulada juventude.

Ela riu-se.

— Ah, lisonja, por fim. Pensei que nunca tal ouvisse.

Ele despiu as calças.

— A visão diante de mim estimula-me a língua — disse.

— Ótimo. — O olhar dela baixou. — E o homenzinho também está estimulado, bem vejo.

Claro que estava. James podia estar farto de mulheres do género dela mas, afinal, era um homem, e ela era excitante. Normalmente eram-no, as mulheres fatais.

Ela tirou os brincos e pousou-os na mesa ao lado da cama. Desapertou a pulseira e deixou-a cair ao lado dos brincos.

Ele tirou a camisa pela cabeça.

Ela teve dificuldades com o fecho do colar.

— Dá-me licença — disse ele.

Era um fecho velho, muito provavelmente o original, e requeria cuidado e um bom olho. O conjunto não fora concebido para uso numa noite vulgar, mas em ocasiões de pompa e circunstância — fora criado para uma rainha há mais de dois séculos. Os atuais proprietários, expulsos por Napoleão, tinham-se escondido, assim como aos seus tesouros, num refúgio seguro. Estes iam a caminho de casa, ao cuidado de um depositário de confiança, quando ela e dois confederados, vestidos de freiras, o tinham roubado.

A idade e a história das esmeraldas nada lhe diziam. Marta Fazi crescera nas ruas; era alfabetizada — embora muito pouco —, amoral e implacável. Tinha um fraquinho por homens bem-parecidos e uma paixão por esmeraldas.

Isto era tudo o que James sabia dela e tudo o que precisava de saber para realizar a missão que lhe fora atribuída.

Obter as pedras preciosas, fugir, entregá-las ao verdadeiro dono e deixar que os diplomatas resolvessem os pormenores. Com as joias agora

pousadas descuidadamente na mesa de cabeceira, James dedicou-se ao trabalho. «À batalha», talvez fosse uma descrição mais apropriada.

Afinal, ele era um soldado, embora o exército a que pertencia não fosse reconhecido. Ninguém pendurava medalhas ao peito de homens como ele, nem os mencionava nos despachos.

E, caso fosse apanhado, ninguém o resgataria.

Por isso, Jemmy, meu rapaz, o que quer que faças, aconselhou a si próprio, *não te deixes apanhar*.

Proporcionou à rapariga o que ela desejava, e com grande rigor. Sentisse o que sentisse acerca do seu trabalho, ainda era capaz de desfrutar de uma mulher bela e apaixonada mais ou menos como qualquer outro homem.

Quando, finalmente, ela lhe pareceu razoavelmente saciada — pelo menos de momento —, ele sussurrou:

— Estou faminto. E tu?

— Ah, sim — murmurou ela. — Vinho e algo para comer... para recuperarmos as forças. A campainha para a criada está ao teu lado.

— Deixa a criada dormir — disse ele. — Prefiro ir procurar.

Ela riu, sonolenta.

— Acredito. Cataloguei-te como caçador assim que te vi.

Nessa parte acertaste.

Ele levantou-se da cama. As calças estavam à mão, como cuidara que estivessem. Vestiu-as, depois encontrou a camisa. De costas para ela, vestiu-a pela cabeça, surriprou as joias de cima da mesa, o tecido enfunado escondendo o movimento.

O resto foi absurdamente fácil. As cortinas da cama não a deixavam ver a porta nem a cadeira onde ele deixara o colete e o casaco. Recolheu as roupas e esgueirou-se pela porta.

Outro homem teria adiado a saída até ela adormecer. James, contudo, partilhava a opinião de Macbeth: «Se tudo terminasse com a execução do feito/Nada como fazê-lo rapidamente.»

Neste caso, seria melhor ser rápido. Marta não tardaria a dar pela falta das pedras, e ela reagia muito mal à traição. O último homem que a traíra começara por perder as suas partes privadas. Perdera-as lentamente, aos pedaços. James podia ter alguns minutos para escapar. Podia ter apenas segundos.

Desceu as escadas rapidamente.

Um segundo. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Sete...

— Travem-no! — gritou ela. — Apanhem-no! Partam-lhe os joelhos!

Quando ele saía do patamar, um rufia corpulento subia as escadas. James estendeu o braço de lado, rijo como uma barreira de portagem. O homem viu-o demasiado tarde. Correu direito a ele e o braço musculoso atingiu-o na garganta. O homem caiu de costas pelas escadas, aterrando de cabeça.

No cimo das escadas, ela gritava pelos seus homens em grego, ordenando-lhes que o deixassem vivo. Tinha planos para ele.

Uma faca assobiou ao passar-lhe junto da cabeça.

Em gritos acutilantes, ela descreveu o que lhe faria, que partes lhe cortaria primeiro.

James contornou o corpo inerte do criado e correu para o corredor, em direção à entrada.

Uma porta abriu-se e outro dos esbirros dela correu na sua direção. James travou-o também com o braço, mas desta vez com um golpe para a frente, atingindo o brutamontes no peito. Os joelhos do homem dobraram-se e ele caiu de costas. James ouviu-o uivar de dor. Rótula partida, muito provavelmente.

Os gritos dele não eram nada em comparação com os de Marta.

James continuou a avançar.

No instante seguinte atravessou a porta. E, num piscar de olhos, confundiu-se com a noite.

CAPÍTULO 1



Alguma vez viste uma gôndola? Temendo que não,
Vou fazer-te a sua exata descrição:
É um barco longo e coberto, comum por aqui,
De proa esculpida, leve mas compacto;
Tripulado por dois remadores, que se chamam gondoleiros,
Desliza pelas águas com aparência fúnebre
Qual caixão transportado numa canoa,
E o que lá dentro se diz ou faz
Ninguém do lado de fora o sabe.

Lorde Byron, *Beppo*

Veneza

Terça-feira, 19 de setembro de 1820

Pénis. Por todo o lado.
Francesca Bonnard examinou pensativamente o teto.
Um ou dois séculos antes, a família Neroni perdera a cabeça com o gesso ornamental. As paredes e os tetos do *palazzo* que alugara eram um festim de tapeçarias, frutos e flores de gesso. O que mais a fascinava eram aquelas crianças aladas chamadas *putti*. Gatinhavam pelos tetos, levantando reposteiros de gesso ou arrastando-se entre as suas pregas, procurando sabe-se lá quem. Seguravam-se às molduras das pinturas do teto e aos medalhões dourados sobre as portas. Eram muitíssimas mais do que as quatro mulheres de seios nus que riam nos cantos e que os quatro homens adultos que sustentavam as paredes.

Eram todos rapazes, todos nus. Assim, a vista por cima da sua cabeça era a de muitos pequenos pénis — quarenta, na última contagem, embora hoje parecessem mais. Estariam a reproduzir-se espontaneamente ou as roliças mulheres adultas e os machos viris andariam a portar-se mal enquanto a casa dormia?

Nos três anos que passara em Veneza, Francesca entrara numa série de casas extravagantes. A sua ganhava o prémio da insanidade decorativa — para não mencionar o da quantidade de órgãos reprodutores de machos imaturos.

— Eu não devia importar-me tanto com eles, mas são tão interessantes... A primeira vez que alguém me visita, passa a maior parte do tempo perplexo, a olhar de boca aberta para as paredes e o teto. Depois de ponderar seriamente, concluí que Dante teve a sua ideia para o Inferno numa visita ao Palazzo Neroni.

— Deixa-os olhar — disse a sua amiga Giulietta. Recostou o cotovelo no braço da cadeira e, com o queixo apoiado na mão, examinou o insano teto. — Enquanto as tuas visitas olham os *putti*, tu podes observá-las tão indelicadamente quanto te apetecer.

Constituíam um par que se complementava: Francesca, alta e exótica, Giulietta mais pequena e de aparência doce. O seu rosto em forma de coração e os inocentes olhos castanhos faziam-na parecer uma rapariguinha. Mas, com 26 anos, era apenas um ano mais jovem do que Francesca. Em experiência, Giulietta era incomparavelmente mais velha.

Francesca Bonnard sabia que ninguém descreveria a sua aparência como doce. Herdara as feições da mãe, sobretudo os olhos distintos, com a invulgar cor verde e a forma de amêndoa. O espesso cabelo castanho vinha da avó paterna, francesa. O resto advinha de Sir Michael Saunders, o patife do seu pai, e dos antepassados dele. Os Saunders eram geralmente altos, e ela era-o — pelo menos em comparação com a maioria das mulheres. Os centímetros a mais tinham levado os caricaturistas a apelidá-la de «a Gigante» e «a Amazona», nas insolentes estampas que tinham produzido durante o seu divórcio.

O divórcio de John Bonnard — que recentemente recebera um baronato e era agora conhecido como Lorde Elphick — estava cinco anos para trás das costas, tal como todos os disparates em que ela acreditara acerca do amor e dos homens. Agora transportava a sua alta estatura orgulhosamente e vestia-se para enfatizar cada curva da sua figura voluptuosa.

Os homens tinham-na traído, abandonado e magoado, mas só uma vez.

Nunca mais.

Agora suplicavam pela sua atenção.

Hoje viriam vários, precisamente para esse fim. Era por isso que Francesca não recebia a amiga na sala mais pequena e menos opressiva ao lado do *boudoir*, noutra parte mais privada da casa. Esse salão confortável, quase despojado de *putti*, era reservado para íntimos, e ela ainda não decidira qual, se é que algum, dos convidados prestes a chegar conquistaria esse estatuto.

Não estava ansiosa por decidir.

Saiu do sofá onde se refastelara — numa posição que teria horrorizado a sua ama — e foi à janela.

Esta dava para um canal que não era o Grande Canal, mas um dos maiores do labirinto de cursos de água secundários, ou *rii*, que intersetavam a cidade. Embora não ficasse longe do Grande Canal, a zona em que vivia era uma das mais sossegadas de Veneza.

Esta tarde era menos tranquila porque a chuva fustigava a varanda e, ocasionalmente, quando o vento mudava, os vidros. Ela olhou... e pestanejou.

— Valha-me Deus! Acho que avisto sinais de vida do outro lado do canal.

— Na Ca' Munetti? A sério?

Giulietta levantou-se e juntou-se a ela à janela. Através do lençol de chuva, viu uma gôndola parar junto das comportas da casa do outro lado do canal estreito.

Francesca sabia que *Ca'* era a abreviatura veneziana para casa. Outrora, somente o Palácio Ducal era chamado *palazzo*, e todas as outras residências se designavam apenas por «casa». Hoje em dia, qualquer casa de qualquer dimensão, grande ou pequena, podia ser designada *palazzo*. Sem dúvida que a que ficava à sua frente podia sê-lo. Por fora, do lado do canal, era igual à dela, com uma comporta que conduzia ao vestíbulo do piso térreo ou *andron*; janelas com varandas no *piano nobile*, o primeiro andar; depois um mais modesto segundo andar; por cima, sótãos para os criados. Contudo, há quase um ano que não vivia ninguém na Ca' Munetti.

— Um único gondoleiro — disse Francesca. — E, ao que parece, dois passageiros. É só o que consigo distinguir com esta maldita chuva.

— Não vejo bagagem — disse Giulietta.

— Deve ter sido enviada antes.

— Mas a casa está às escuras.

— Isso significa que ainda não contrataram criados. — A família Munetti levava consigo os criados quando se mudara. Embora não tivessem tanta falta de dinheiro como alguma da nobreza veneziana, tinham achado Veneza demasiado cara ou os austríacos que a governavam demasiado enfadonhos. Tal como os proprietários do Palazzo Neroni, preferiram deixar a sua casa para os estrangeiros.

— É uma estranha época do ano para vir para Veneza — disse Giulietta.

— Talvez nós a tenhamos posto na moda — disse Francesca. — Ou, mais provavelmente, sendo estrangeiros, não sabem disso.

Toda a gente que tinha essa possibilidade abandonava Veneza durante os verões escaldantes. Partiam para as suas *villas* ou para o continente em julho e não costumavam voltar da *villeggiatura* — as férias de verão — antes do S. Martinho, a 11 de novembro, início oficial do inverno.

Francesca deixara a *villa* do conde Magny em Mira mais cedo, depois de uma quezília por causa de um visitante de Inglaterra, Lorde Quentin. Aqui, na sua própria casa, não precisava de dar justificações a ninguém. Além disso, aqui não constituía o principal entretenimento dos locais. Fosse como fosse, ela nunca gostara muito da vida campestre. Preferia a vida na cidade. Em raras ocasiões até tinha saudades de Londres, embora não tanto como ao princípio — mas claro que nunca admitiria sentir a falta do que quer que fosse em Londres.

Um lacaios entrou para pôr a mesa para o chá.

— Arnaldo, ouviste dizer alguma coisa acerca da Ca' Munetti? — perguntou-lhe Francesca.

— A bagagem chegou primeiro, ontem já tarde — disse Arnaldo. — Pouca coisa. Contratarem o gondoleiro, o Zeggio, que é primo da mulher do primo do nosso cozinheiro. Ele diz que o novo dono está ligado à família Albani. Pretende estudar com os monges arménios, como fez o seu amigo Lorde Byron.

Com as sobranceiras franzidas, Giulietta cruzou o olhar com o de Francesca. Depois riram.

— O Byron estudou com os monges arménios — disse Giulietta. — Mas não era um monge.

— Mesmo assim, só dois criados... — Francesca viu as comportas abrirem.

— Talvez o novo dono, afinal, seja veneziano — disse Giulietta. — São demasiado pobres para ter criados suficientes. Só os estrangeiros e as prostitutas podem pagar uma casa cheia de criados.

Arnaldo saiu e elas voltaram a falar inglês.

— O meu novo vizinho pode ser um estrangeiro forreta — disse Francesca. — Ou um eremita.

— Em qualquer dos casos, não é para nós.

— Santo Deus, não! — Francesca deu uma gargalhada.

O seu riso era tão famoso como o seu aspeto invulgar, ou talvez mais. Depois de o divórcio a ter afastado da sociedade respeitável, ela tivera

de aprender a lidar com os homens. Fizera-o rapidamente. Fanchon Noirot, a sua mentora parisiense, dissera-lhe que ela tinha o dom.

A lição mais importante que Francesca aprendera fora como falar com os homens — ou, mais importante, como ouvi-los.

Mas quando Francesca Bonnard se ria, os homens ouviam-na com todo o seu ser.

«Quando te ris», dissera-lhe Lorde Byron, «os homens sustentam a respiração».

«Fariam melhor em sustentar as carteiras», respondera ela.

Então ele rira-se, se bem que pesarosamente, porque era verdade.

Francesca Bonnard era uma cortesã tão cara que poucos homens podiam pagar-lhe. Lorde Byron não era um deles.

Entretanto, do outro lado do canal

De todas as cidades do mundo, ela tivera de vir para esta. Era extremamente inconveniente.

Além de molhada.

A gôndola de James partira do continente com um chuvisco e atravessara o canal sob um dilúvio tão feroz que tinham fechado as janelas do *felze*, a cabina preta dos passageiros. Apenas um borrão de casas e molhes de pedra era visível através das persianas. Não ouvia qualquer som, além da chuva a bater na cabina e no convés do barco.

Quase se podia pensar que este era o mundo submarino em que os seus antepassados romanos acreditavam. Podia estar a navegar no rio Estige, entre as sombras dos mortos.

Esse voo de imaginação tombou por terra — ou, melhor dizendo, por água — quando ouviu o eco dos remos sob uma ponte e o anúncio do gondoleiro: «Ponte di Rialto».

O gondoleiro chamava-se Zeggio. À primeira vista, o veneziano parecia demasiado jovem para guiar alguém aonde quer que fosse, demasiado bonito para executar trabalho manual e demasiado inocente para ser levado a sério. Esta aparência explicava porque é que os sócios de James o consideravam o guia mais apropriado de Veneza. Na verdade tinha 32 anos, estava longe de ser inocente e eles já o haviam contratado antes.

Era um guia local altamente respeitado. No entanto, aspirava a tornar-se a versão veneziana de James Cordier.

Coitado.

Depois de virar do Grande Canal para um curso mais pequeno, e depois outro, chegaram finalmente à Ca' Munetti.

— Ah, Veneza — disse James analisando a vista — ou o que conseguia ver — diante e atrás de si. Os edifícios e as gôndolas eram meras formas mais escuras na névoa cinzenta. — Um bom lugar, sem dúvida, mas a atirar para o húmido.

O seu criado Sedgewick disse qualquer coisa em surdina. Era um tipo baixo, tão incaracterístico que as pessoas não costumavam dar por ele. Esse era o seu primeiro erro, e provavelmente o último.

— O que disste, Sedgewick? — perguntou James.

— Que queria estar em Inglaterra — disse o antigo ordenança.

— Quem não preferia? — afirmou o amo. A Inglaterra estaria mais fria e certamente não tão soalheira, mas afinal era a Inglaterra e não outro maldito país cheio de estrangeiros.

Não que James fosse, aqui, propriamente estrangeiro. A mãe era aparentada com, pelo menos, metade das grandes famílias de Itália, uma linhagem tão distinta como a do pai, Lorde Westwood.

Veneza, porém, não era Itália.

Veneza era... Veneza.

A gôndola parou junto da comporta e James ergueu os olhos para a casa em frente, onde ela vivia.

Ela, Francesca Bonnard, filha do infame vigarista, o falecido Sir Michael Saunders; ex-mulher do chamado pilar da retidão, Lorde Elphick; e, de momento, a mais cara prostituta de Veneza.

Alguns diriam que conquistar o último título não era o feito que teria sido, por exemplo, três séculos antes. Veneza declinara, mais visivelmente nas últimas décadas. *La Bonnard*, contudo, era reputada como a mais cara do seu género em todo o Veneto e muito possivelmente em toda a Itália e, segundo alguns, no continente.

Por que diabo a rainha das cortesãs viera para Veneza era uma questão pertinente. A cidade de fábula era pobre, uma grande parte das suas famílias nobres tinham partido e as enchentes de visitantes reduziam-se a um gotejar.

Porque não permanecera em Paris, onde obtivera inicialmente fama, há três ou quatro anos, e onde podia escolher entre multidões de vítimas abastadas? Ou porque não Viena? Ou, no mínimo, Roma ou Florença?

Provavelmente descobri-lo-ia, mais cedo ou mais tarde, se precisasse. Era melhor que fosse mais cedo. Ele tinha planos e ela interrompera-os.

Ele recuperara as esmeraldas de Marta Fazi e entregara-as ao seu proprietário. Em troca deste pequeno favor do governo britânico, o proprietário assinara um tratado importante. Também recompensara James, muito generosamente.

Aquela devia ser a última missão de James. Estava prestes a voltar para casa e a usufruir de uma merecida reforma.

Mas não.

Quando as comportas se abriram e a gôndola parou, desejou que a mulher descartada de Lorde Elphick estivesse no Inferno.

Saiu do barco para os quadrados de pedra e mármore que pavimentavam o *androne*. Madeira escura revestia as paredes. O espaço era frio e o cheiro a humidade enchia-lhe as narinas.

Seguiram Zeggio por uma escadaria até ao *piano nobile* e encontraram-se num vasto vestíbulo central. Este *portego*, como os venezianos lhe chamavam, ia de uma ponta à outra da casa.

Era claramente concebido para o exibicionismo. A fila de lustres magníficos ao longo do centro do teto e as filas de imensos candelabros em cima de mesas ao longo das paredes — todos a escorrer o famoso e magnífico trabalho de vidro de Murano — fariam, quando todos acesos, uma exibição deslumbrante dos dourados, do gesso que ornamentava as paredes, das esculturas e das pinturas.

— E tudo isto em cima da água — disse Sedgewick, abanando a cabeça ao olhar em volta. — Pergunto-me que género de gente é esta, que constrói uma cidade sobre paliçadas, num conjunto pantanoso de ilhas.

— Italianos — disse James. — Há uma razão para outrora terem dominado o mundo, e uma razão para Veneza outrora ter dominado os mares. Deves pelo menos dar-lhes crédito por uma maravilha da engenharia.

— Dou-lhes crédito por um caminho fácil para a malária — disse Sedgewick. — E outro caminho fácil para a febre tifoide.

— Oh, mas agora não há doença — assegurou-lhes Zeggio. — A malária chega no verão e o tifo é na primavera. Agora é uma época muito saudável.

— Há sempre a vossa pneumonia — disse Sedgewick. — A vossa pútrida garganta inflamada. A vossa tuberculose. As vossas doenças pulmonares.

— Este é o meu Sedgewick — disse James. — Gosta de ver o lado bom de tudo.

Zeggio conduziu-os pelo enorme vestíbulo até uma das salas laterais, no extremo do canal.

— Vocês vão ver — disse ele. — No outono e no inverno, Veneza é mais agradável do que o continente. É por isso que todos voltam no dia de S. Martinho.

Todos menos ela.

Ela tinha estado em Mira, na *villa* de verão do conde de Magny, um amigo dos tempos de Paris e possivelmente um antigo amante, possivelmente também atual: havia rumores nos dois sentidos. O problema era que, em finais de agosto, na sequência de uma série de conversas com o superior de James, Lorde Quentin, ela abandonara Magny às belezas locais e regressara a Veneza com toda a sua bagagem. Não tendo Quentin conseguido persuadir a senhora a devolver-lhe umas certas cartas na sua posse e outros agentes tendo falhado em localizá-las por métodos mais clandestinos, sua senhoria convocara James de volta ao trabalho antes de os seus baús terem sido carregados para o navio que os levaria a Inglaterra... longe das conspirações, assassinos e prostitutas sedentas de sangue, desta vez para sempre.

Quando fora a última vez que ele falara com pessoas normais e respeitáveis, com os seus segredos mundanos? Quando fora a última vez que estivera entre homens e mulheres que não se acoitavam nos recantos mais negros da vida humana? Quando fora a última vez que olhara nos olhos de uma jovem inocente que não fosse sua irmã? Não se lembrava.

Virou a atenção para o que o rodeava.

Embora aqui também houvesse uma abundância de sedas, veludos e dourados, esta salinha era muito mais doméstica do que o *portego*. Também era mais quente, neste dia de frio fora de época, porque tinham acendido uma lareira antes de eles chegarem.

Mesmo assim, o sítio tinha um aspeto geral gasto.

— Antiquado e envelhecido por encomenda — disse Sedgewick, olhando em volta com um olho crítico.

— Veneza é como a bela *cortigiana* — a cortesã — que... — Zeggio franziu a testa, procurando a expressão que pretendia. — Que tropeçou sem graça.

— Caiu em desgraça — disse James.

— Caiu em desgraça — repetiu Zeggio. Murmurou a frase para si mesmo algumas vezes. — Percebo. É o mesmo mas não é o mesmo.

James dirigiu-se a uma janela e olhou para o outro lado do estreito canal. Uma silhueta feminina passou diante da janela iluminada do outro lado. Após um momento, a figura voltou e deteve-se ali. Apesar de a chuva obscurecer tudo, e passar despercebido ser a sua segunda natureza, e

mesmo apesar de o rendilhado da janela o proteger de ser visto, ele mergulhou mais nas sombras.

— A *signora* hoje está em casa — disse Zeggio. Aproximou-se da janela. — A amiga também deve lá estar. Sim, aquela é a gôndola da *signorina* Sabbadin, tal como eu pensava. Bebem chá juntas quase todos os dias. São como isto. — Juntou o indicador e o dedo médio. — Como irmãs. Todas as amigas seguem a *madame* para Veneza, porque é muito aborrecido onde ela não está. Mas aqui nunca nos aborrecemos. Mesmo agora temos a ópera, o *ballet*, as peças de teatro. E não tarda, depois do Natal, começa o Carnaval.

James olhou para a chuva.

— Sedgewick, se o Carnaval começar e ainda estivermos em Veneza — disse —, por favor dá-me um tiro.

— Sim, senhor — disse Sedgewick. — Nesse caso, será melhor começar já.

James assentiu com a cabeça.

— Zeggio, descobre aonde é que ela vai esta noite. Quero vestir-me apropriadamente.

— La Fenice, sem dúvida — disse Zeggio.

— Ah, sim — disse James. — O mais esplêndido teatro de Veneza. Que sítio melhor para se exhibir?

— É porque apresentam a obra de Rossini — disse Zeggio. — *La Gazza Ladra*.

— *A Pega Ladra* — traduziu James para Sedgewick, cujos vários talentos não se estendiam às línguas estrangeiras.

— Ela vai vezes sem fim a essa ópera — disse Zeggio. — Mas vou perguntar, para ter a certeza. Depois trato que alguém o leve ao camarote dela, para vos apresentar, está bem?

— Não quero ser apresentado enquanto não a compreender melhor — disse James. — Quero um dia ou dois para fazer o reconhecimento.

— É preciso compreender o alvo antes — explicou Sedgewick a Zeggio. — Mas o patrão nunca teve problemas em compreender as mulheres. Vamos tratar dela rapidamente, não tenho dúvidas.

— Espero que sim — disse James. Uma grande gôndola de dois remos aproximou-se do Palazzo Neroni. — De quem é aquela?

Zeggio examinou a gôndola por um momento.

— Oh, aquela. Ele vem para Veneza assim que ela regressa. É o príncipe coroado de Gilenia. Muito bonito, com caracolinhas louros. Um bocadinho estúpido, mas dizem que ela gosta dele.

Gilenia era um pontinho quase invisível no mapa da Europa, mas fazia parte do trabalho de James conhecer todos os pontinhos.

— O príncipe Lurenze — disse. — É um rapaz de quê... 21 anos?

— Com o devido respeito, o senhor era seis anos mais novo que isso quando foi recrutado — disse Sedgewick.

— É bem verdade — disse Zeggio. — O *signor* Cordier é uma lenda. Eu próprio quase pensava nele como um mito, antes de o ver com os meus olhos.

— Há uma diferença considerável — disse James — entre o problemático filho mais novo de um nobre inglês e o herdeiro de uma das mais antigas monarquias europeias. Os membros da realeza são muito mais protegidos. E os membros da realeza de Gilenia são mantidos numa redoma. Surpreende-me que os pais dele o percam de vista.

— Mandam um grande séquito a acompanhá-lo — disse Zeggio. — Todos os diplomatas o adulam. Esta é uma das suas dificuldades com as senhoras: nunca está sozinho.

— Isso deve proporcionar experiências interessantes no *boudoir* — disse James. — Se é que ele teve alguma, o que duvido.

— Acha que o rapaz é virgem? — perguntou Sedgewick.

— Não apostaria — disse James —, mas a sua experiência será muito limitada. — Fez um gesto de desdém. — Ele não constituirá um problema. E se Magny se mantiver na sua *villa*, como qualquer outro tipo sensato, não preveja dificuldades com ele.

— E a senhora? — perguntou Zeggio.

— Oh, as mulheres nunca são problema para o patrão — disse Sedgewick. — Problema nenhum.

Entretanto, em Londres

John Bonnard, barão Elphick, estava atrás da secretária no seu escritório. Apesar de já ter passado o 40.º aniversário, o seu cabelo louro-escuro ainda era abundante, os olhos cor de avelã eram límpidos e mantinha a maior parte dos dentes. E, no geral, apesar de uma estatura baixa e uma constituição franzina, era considerado um dos homens mais atraentes de Inglaterra.

Se os observadores pudessem ver o homem por dentro, talvez tivessem uma opinião diferente.

Neste momento o exterior era bastante parecido com o interior porque olhava, carrancudo, para a carta aberta diante de si. Estava enrugada, como se tivesse sido várias vezes amarrotada e, depois, alisada.

A maioria das cartas que a ex-mulher lhe mandava acabava naquele estado. Curiosamente, nenhuma fora parar ao fogo.

A mulher pequenina e de cabelos escuros que estava diante dele, do outro lado da secretária, baixou o olhar para a carta e em seguida levantou-o para o rosto dele. Johanna Ide tinha a expressão de quem já assistira ao desenrolar daquela cena inúmeras vezes. Contudo, não revirava os olhos. A amante de Elphick de há mais de 20 anos — e coconspiradora em todos os assuntos — tinha perfeita consciência de que, neste caso em particular, as coisas não tinham decorrido como ela tão confiantemente esperara.

Ele recebera outra carta da mulher. Como sempre, ficara irritado.

— A cabra — disse ele.

— Eu sei, meu querido, mas ela não te incomodará por muito mais tempo.

Ele ergueu o olhar.

— Pois não. Está tudo controlado. Recebi uma mensagem esta manhã. A Marta Fazi foi libertada da prisão. Levou muito tempo e custou muito dinheiro. Mas está feito e ela deve ir a caminho de Verona, se não tiver já chegado.

Foi a vez de Johanna ficar carrancuda. Sabia que Marta Fazi era uma das muitas mulheres que Elphick usara ao longo dos anos. Cada uma delas acreditava ser a única que ele verdadeiramente amava. Johanna, que sabia mais do que elas, incentivava essas ligações. Era trabalho, e o seu trabalho era obter poder. Se não fosse por isto, ela e Elphick teriam cometido o ato pouco prático de casarem um com o outro há anos. Porém, sendo ambiciosos — almas gémeas em todos os sentidos —, tinham casado com outras pessoas. Agora ela era viúva e ele divorciado, mas hesitavam em casar um com o outro até tudo, finalmente, estar resolvido — até ele se tornar primeiro-ministro e a sua ex-mulher estar *hors de combat*... em suma, até Johanna ter a certeza absoluta de que ninguém descobriria como ele era por dentro, e ela não sofreria as consequências com ele.

— Sei o que estás a pensar — disse ele. — Preferias que eu contratasse outra pessoa para recuperar as cartas.

— A Fazi é quase analfabeta — disse Johanna.

— Reconhecerá a minha caligrafia — disse ele. — Mande-i-lhe bastantes

recadinhos amorosos. Dir-lhe-ei que nomes deve procurar. Não precisa de saber mais nada.

— Também é um pouco doida — disse Johanna.

— Ela pode fazer o que quiser com a Francesca, desde que apanhe as cartas primeiro — disse ele.

— Sinto o mesmo, querido, garanto-te. Mas gostaria de ter a certeza de que a Marta tem as cartas antes de a tua ex-mulher sofrer um acidente fatal.

— A Marta normalmente não mata mulheres — disse ele. Baixou o olhar para a carta. — É mais provável que destrua a bonita cara da Francesca. Isso fará fugir os amantes bem-nascidos dessa rameira.

Os amantes bem-nascidos eram o verdadeiro problema.

Cinco anos antes, Francesca Bonnard roubara daquela mesma secretária cartas que, lidas por alguém que compreendesse o género de missiva que passava normalmente entre agentes estrangeiros, poderia provar serem fatalmente incriminatórias.

Felizmente, quando as roubara, ela era a mulher mais odiada e desprezada da Grã-Bretanha. Se tivesse tentado expor as décadas de negociações clandestinas do marido com os franceses, ninguém teria acreditado nela. Todos teriam acreditado que as cartas eram falsificações, um esforço desprezível para arrastar o seu maltratado esposo para o fundo do poço com ela. Ele até podia ter apresentado queixa dela por calúnia e sedição.

Mas ela não era tão parva que o fosse expor. Limitara-se a partir para o estrangeiro e a tornar-se prostituta, enquanto John Bonnard continuava a trepar os degraus do partido, acabando por ganhar um baronato.

Mas ele fizera alguns inimigos ao longo do seu percurso, e estas pessoas procuravam agora meios de o destruir. Um dos seus inimigos mais preocupantes, Lorde Quentin, estava em Itália. Não era bom sinal.

Entretanto, em vez de se afundar rapidamente no esgoto e morrer, pobre, doente e louca, como Johanna e Elphick tinham esperado com confiança, Francesca Bonnard também ascendera no mundo. Agora relacionava-se com homens influentes.

Agora ela era um problema, um problema muito perigoso.

Entretanto, em Verona

— Não compreendes? — gritou Marta Fazi ao cavaleiro que trouxera a mensagem ao pequeno chalé. — Perdi os meus melhores

homens por culpa desse porco romano, seja ele quem for. Três aleijados — inúteis. Mais meia dúzia de soldados levados. Ainda estão na prisão.

— Conseguimos libertar-te — disse o mensageiro. — Custou uma verdadeira fortuna em subornos.

— E eu valho-a — disse ela, de queixo empinado. — O meu Lorde Elphick sabe disso. Mas o que posso fazer, quando os meus melhores homens estão imprestáveis?

— Usa os segundos melhores — disse-lhe o mensageiro.

Ela franziu o sobrolho a algo do outro lado da sala. Passou por ele, foi a uma prateleira e virou uma estatueta da Virgem Maria para a parede.

— Porque é que ela olha assim para mim? — disse. — Ela sabe o que eu sofri. Aquele homem cruel. Que arda no Inferno.

— Esquece lá o homem cruel — disse o mensageiro.

Ela virou-se, os olhos negros brilhando de raiva.

— Esqueço? Tu sabes o que ele me fez?

— Sei que te fez perder a cabeça e disparatar, o que te levou à prisão e nos custou...

— As minhas esmeraldas! — gritou ela. — As minhas lindas esmeraldas! Ele levou-mas!

— Isto é muito mais importante do que...

— Aquelas esmeraldas foram usadas por rainhas! — berrou ela. — Eram minhas! — Levou o punho fechado ao peito. — Sabes o que tive de fazer para as obter, aquelas pedras lindas? — Os seus olhos negros encheram-se de lágrimas. Ela, que mutilava por desporto e matava com um sorriso no rosto, chorava por causa de minerais verdes. — Os meus pequeninos bebês. Onde é que eu vou agora arranjar joias como aquelas? Quando encontrar aquele porco de coração negro que as levou...

— Podes procurá-lo mais tarde. Agora...

— Quem é que me fez isto? Quem é ele?

— Não sabemos. Não temos tempo para descobrir. Esquece-o. Esquece as esmeraldas. Nunca vais recuperá-las. Voltaram para os cofres reais de onde saíram.

— Não! — Tirou a pequena Virgem da prateleira e atirou-a para o outro lado da sala. Esta bateu nas costas de uma cadeira e desfez-se em cacos. — Esquecer? A Marta Fazi nunca esquece! Nem um anel me deixou! Nada! Levou tudo!

— Ela tem joias — disse o mensageiro. — É conhecida por isso.

A tempestade amainou subitamente.

— A Sra. Bonnard tem safiras, pérolas, rubis, diamantes — disse o mensageiro para o silêncio intenso. — E esmeraldas.

— Esmeraldas? — Marta sorriu como uma criança a quem oferecessem doces.

— Esmeraldas magníficas, que já pertenceram à imperatriz Josefina — disse o mensageiro. — Apanha as cartas e ninguém se importará se surripias também umas pedrinhas. Entrega as cartas em segurança a sua senhoria, e ele dá-te as Joias da Coroa.

Veneza, nessa noite, na ópera

Embora a temporada ainda não tivesse começado oficialmente, os camarotes e a plateia do La Fenice estavam quase cheios. James sabia que isto se devia, em parte, ao facto de a popular *La Gazza Ladra* de Rossini estar em cena, e por outro lado porque Francesca Bonnard e os amigos ocupavam um dos mais caros camarotes do teatro. Havia tantas pessoas a olhar para o seu camarote como para o palco.

E, tratando-se de Itália, muitas outras pessoas não estavam a fazer uma coisa nem outra.

Ele sabia perfeitamente que os teatros italianos eram de uma espécie diferente dos de Inglaterra. Em Itália, os teatros eram centros de convívio. Para acomodar a assistência sociável, as escadarias e as salas de bebidas eram enormes. Os imensos *foyers* tinham, até recentemente, sido usados para jogos de azar. Agora que esses jogos eram proibidos, os clientes dos teatros apenas podiam jogar gamão.

Durante a temporada, as classes instruídas iam ao teatro quatro ou cinco vezes por semana. Visto que este era como uma segunda casa, os camarotes também eram grandes, muitos deles mobilados como salinhas e usados quase da mesma forma. De alguns mal se via o palco.

Durante as atuações, as pessoas comiam, bebiam e conversavam. Jogavam às cartas, namoriscavam e seduziam. Os criados entravam e saíam. A ópera ou a peça proporcionavam, sobretudo, cor e música ambiente.

Porém, em alguns momentos importantes da atuação — o início de uma ária favorita, por exemplo —, a audiência sossegava e escutava com toda a atenção.

Não era um desses momentos de silêncio que decorria quando James entrou no camarote onde Francesca Bonnard mantinha a sua corte. Vários

atores no palco guinchavam ou berravam qualquer coisa a que ninguém prestava a menor atenção.

Também ninguém prestou a menor atenção a James. Parecia ser apenas mais um dos numerosos criados de peruca e libré que entravam e saíam com uma coisa ou outra: comida, vinho, um xaile. Fazer-se passar por criado era fácil. Aqueles que serviam quase não reparavam neles. Poderia esfaquear o príncipe coroado de Gilenia no pescoço diante de uma dúzia de testemunhas e mais tarde nenhuma dessas testemunhas seria capaz de identificar James como sendo o assassino. Ninguém recordaria que género de peruca ou libré usava.

Tinha a certeza disso, tendo ele próprio exterminado dessa forma dois exemplares da escumalha humana.

Contudo, apenas Lurenze se encontrava no seu caminho. Visto que, dada a reputação da senhora, já era de esperar um homem — ou vários — no caminho, James preferia que o obstáculo fosse jovem e não especialmente inteligente. O francês, conde Magny, com as vantagens da idade e da experiência — que incluíam não perder a cabeça, literalmente, durante o Terror, nem depois disso —, ter-se-ia revelado um obstáculo mais sério.

A atenção de James passou do rapaz de cabelos dourados para a meretriz ao seu lado. Estavam sentados na frente do camarote, Lurenze no lugar de honra ao lado dela. Girara no assento para a olhar com adoração. Ela, virada para o palco, fingia não notar tal reverência.

Do seu lugar, James apenas a via por trás, o pescoço e os ombros ligeiramente encurvados. O cabelo, apanhado com uma simulada falta de cuidado, era castanho-escuro, com brilhos intensos onde a luz incidia. Algumas madeixas soltas davam-lhe um ar ligeiramente despenteado. O efeito não era o de alguém acabado de se levantar da cama, mas de quem se soltara há um momento do abraço de um amante.

Subtil.

E muito eficaz. Até James, apesar de exausto, tinha consciência de uma agitação no baixo-ventre, de um estreitar do seu foco e de um amolecimento do cérebro.

Porém, ela tinha de ser boa a agitar os homens, pensou, tendo em conta o seu preço.

Ele baixou os olhos.

Um colar de safiras e diamantes adornava-lhe o longo e aveludado pescoço. Pedras a condizer em forma de concha pendiam-lhe das

orelhas. Quando Lurenze lhe murmurou algo ao ouvido, ela deixou o xaile escorregar.

James ficou boquiaberto.

O vestido quase não tinha costas! O espartilho devia ter sido feito especialmente para ele.

As suas omoplatas estavam totalmente à vista. Um sinal de nascença com uma forma estranha marcava a direita.

Ele voltou a pôr os olhos nas órbitas e a língua dentro da boca.

Bem, ela era uma peça requintada, e também arrojada; quanto a isso, não havia dúvidas. Decerto alguém a julgara digna daquelas safiras, e isso dizia muito. James não sabia se alguma vez vira iguais, e já observara — e roubara — pilhas de joias finas. Eram superiores às esmeraldas que resgataria de Marta Fazi há alguns meses.

De garrafa na mão, avançou para lhes encher os copos.

Lurenze, que se encostara tanto a ela que os seus caracóis louros corriam o risco de se emaranhar nos brincos, deteve-se, recostou-se um pouco e franziu a testa. Depois pegou na lupa e examinou-lhe as costas meio desnudadas.

— Mas isto é uma serpente — disse ele.

Era?

James, surpreendido, inclinou-se também para ela. O príncipe tinha razão. Não era um sinal de nascença, mas uma tatuagem.

— Tu aí, como te atreves a olhar de uma maneira tão obscena para uma senhora? — disse Lurenze. — Seu insolente! Volta a pôr os olhos na cara. E vê lá se não entornas...

— Ups! — disse James baixinho, deixando a garrafa na sua mão virar para baixo e entornar vinho nas calças de sua alteza.

Lurenze olhou com desânimo a mancha escura que se espalhava sobre as suas partes baixas.

— *Perdonatemi, perdonatemi* — disse James, simulando contrição. — *Mi dispiace, eccellenza.* — Tirou o guardanapo do braço e limpou desajeitadamente e com pouca gentileza a mancha húmida.

A atenção de Bonnard permaneceu no palco, mas os seus ombros tremiam ligeiramente. James ouviu uma gargalhada contida à sua esquerda, da única outra mulher presente no camarote. Sem olhar para ela, continuou vigorosamente a limpar com o pano.

O príncipe, de cara vermelha, empurrou-lhe a mão.

— Pare! Já basta! Desapareça daqui! Ottar! Onde está o meu criado? Ottar!

Algumas centenas de cabeças viraram-se para eles ao mesmo tempo e algumas centenas de vozes disseram, num uníssono zangado:

— Chiu!

A ária de Ninetta estava prestes a começar.

— *Perdonatemi, perdonatemi* — sussurrou James. — *Mi dispiace, mi dispiace*. — Continuando a desculpar-se, afastou-se, uma verdadeira imagem de medo e embaraço servil.

La Bonnard virou-se então e olhou James diretamente no rosto. Ele devia estar preparado. Devia ter agido por reflexo mas, sem saber porquê, não o fez. Foi um nadinha lento de mais. O olhar apanhou-o e a beleza sobrenatural dela fê-lo gelar.

Ísis, chamara-lhe Lorde Byron, como a deusa egípcia. Agora James via porquê: os estranhos olhos verdes alongados... a boca grande... os traços exóticos do nariz e do queixo.

James sentiu também o poder do seu rosto notável, o impacto tão forte como um soco. O calor percorreu-o, de cima para baixo, de baixo para cima, a uma velocidade que o deixou perplexo.

Durou apenas um segundo — afinal, ele era experiente — antes de desviar o olhar. Contudo, teve consciência, e zangou-se por isso, de que fora lento.

Teve consciência, e zangou-se por isso, de perder o equilíbrio.

Por um olhar, um simples olhar.

E ainda não tinha acabado.

Ela olhou por ele acima. A seguir por ele abaixo. Depois afastou o olhar, de novo para o palco.

Mas no último instante antes de ela se virar, James viu-lhe a boca encurvar-se num longo e pérfido sorriso.